

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO

Universidade de Brasília  
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

# CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa  
dos Santos, Liubiana Silva Moreira Siqueira**



**UnB**

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: [www.ppgcen.unb.br](http://www.ppgcen.unb.br)

E-mail: [secretariapgcen@unb.br](mailto:secretariapgcen@unb.br)

#### FICHA TÉCNICA

**Organizadores:** Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

**Revisão:** Christina Velho

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Djanine Denise de Miguel Silva

**Editora:** Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

**Bordados e capa:** Maria Oliveira Villar de Queiroz

**Fotografias:** Pardal

**Finalização de capa:** Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322            Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /  
                  organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson  
                  Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira  
                  Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,  
                  Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,  
                  2025.  
                  177 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web.  
ISBN 978-65-88507-12-4.

1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge  
das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos  
(org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira  
(org.).

CDU 792

*memória afeto escuta diferença foco persistência*  
*planetary cura*  
*chegada despedida pertencer acalma*  
*tralidade amor espaço tempo escreve*  
*artista*  
*teatro*  
*memória*  
*ngição p*  
*nto chega*  
*estralidade amor*  
*artista*  
*teatro*  
*memória afeto escuta diferença*  
*planetaria cura pers*  
*despedida pertencer*  
*tempo*

# CARTAS DE MINH' ALMA

## AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso  
Adailson Costa  
Liubliana Moreira

# SUMÁRIO

GRACA  
VELOSO

8

ADAILSON  
COSTA

20

LIUBLIANA  
MOREIRA

34

52

ADA  
LUANA

ADRIANA  
LODI

64

76

BARBARA  
BENATTI

DANILO  
MOTA  
LINO NILO

102

BELISTER  
ROCHA

88

GABRIEL  
GOELHO

130

DEBÓRA  
VIEIRA

118

KLEBER  
BUENO

142

LUCIANA  
GRESTA

154

MARIA  
VILLAR

168

*“Envergonhado,  
escondido, chorei...”*

***Graça***

*“Você tem minha  
admiração sabia?”*

***Adailson***

*“Na incerteza crie!  
‘Pausa’”*

***Liu***

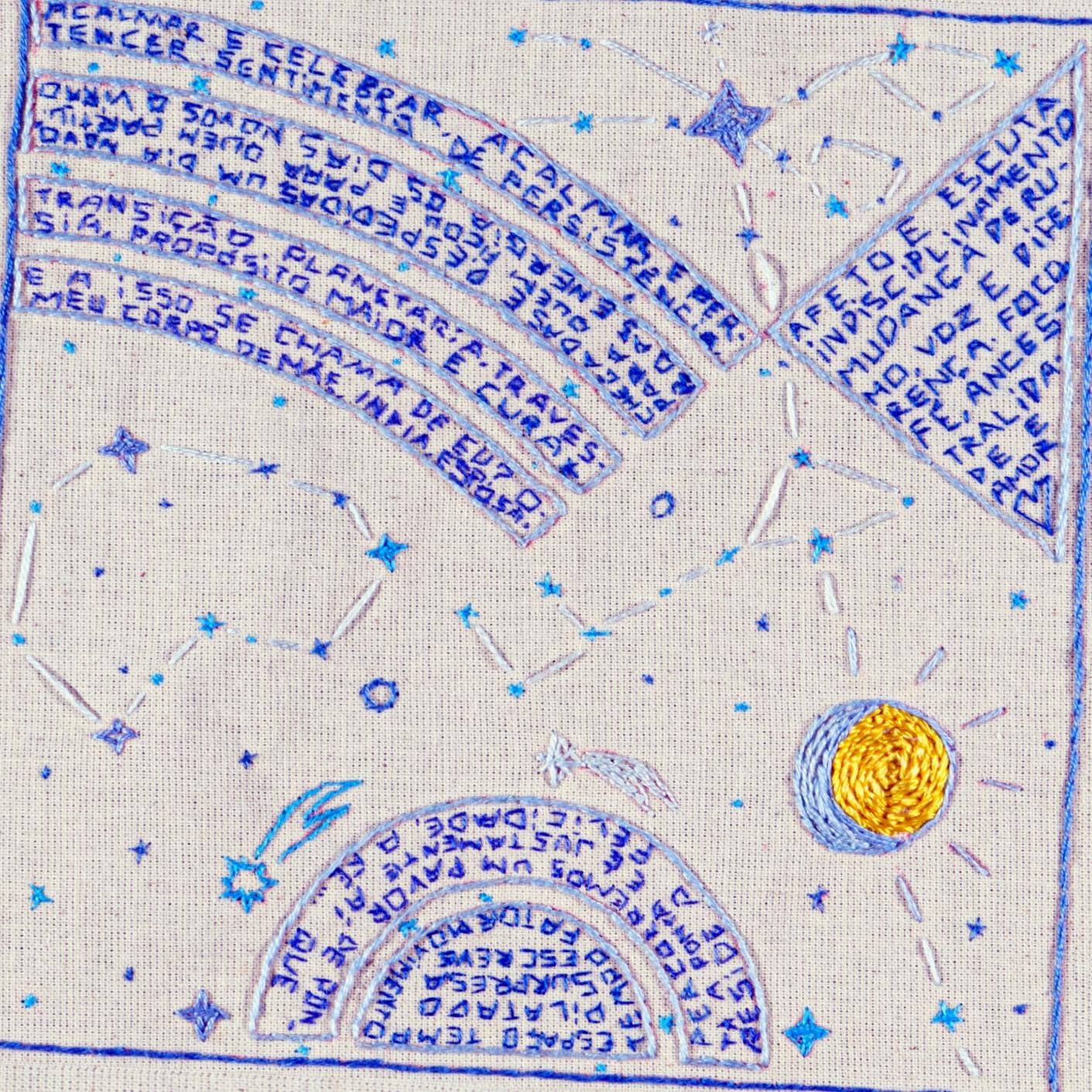
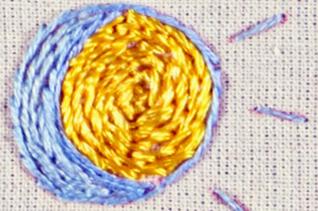
REALMAR E CELEBRAR  
TENCER SENTIMENTOS

DE ALMAS E PER-  
DE PERSISTENCIA  
DESPEDIR E HEDER  
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES  
E A ISSO SE CHAMA DE EU? O  
MEU CORPO DE MAE, INFLUENCIA

ESCLUTA  
DISCIPLINA  
MUDANCA  
VON ANEB  
TRABALHO  
TAR

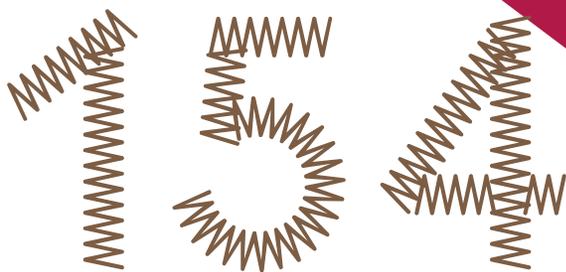
ESPAO TEMPO  
DILATADO  
FURTIVO  
FIDELIDADE  
PAR JUSTAMENTE  
DRADE



# LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA



Virginiana com ascendente em Touro. Extraterrestre, se não, fora de lugar. Apaixonada por bichinhos e pelas crianças. Mais observadora do que fazedora. Escutadora de histórias. Professora performer. Arte educadora. Investigadora das narrativas de si como potência pouco estimulada na Educação. Pesquisadora da performance das histórias de si como Pedagogia da Alteridade. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília - PPGCEN/UnB. Mestra em Artes pela Universidade de Brasília – Mestrado Profissional em Artes / ProfArtes (2016). Possui graduação em (licenciatura. plena) em Educação Artística - Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (2009) e graduação (bacharelado) em Arquivologia pela Universidade de Brasília (2003). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, muito atuante na Coordenação Pedagógica, com crianças do Ensino Fundamental. Tem experiência na área de Artes, com ênfase na Pedagogia do Teatro; na invenção e na contação de Histórias e produção de performances narrativas partilhadas para despertar os sentidos, criar vínculos, quebrar barreiras hierárquicas entre professor e alunos para fazer emergir, apenas, sujeitos/pessoas. Pesquisa as relações dos sujeitos nos processos de escolarização, os distanciamentos, as potencialidades, as fragilidades, as incongruências e convergências no âmbito das artes das cenas, principalmente, como formas de nos fortalecer enquanto seres planetários que somos.



# PRA PEQUENA MENINA PRETA DOS OLHOS DE JABOTICABA... FLORES E ESPINHOS

## **Querida pequena Lu,**

Sei que você, nestes seus tempos tão difíceis, sonha. Sonha com a beleza e o encantamento que somente olhos tão esperançosos, como os seus, são capazes de sonhar. Sonha com a esperança de que somente as pessoas como você, mesmo em horas desesperançadas, são capazes de ter. Sonha em viver as melhores coisas que a vida pode nos oferecer. E como estou no seu futuro, eu sei que muitas coisas você terá. Sei que você viverá muito da beleza que espera viver. Mas eu sei também que nem tudo, em sua vida, minha pequena sonhadora, serão as flores e os encantamentos. Você também viverá muitas horas difíceis. Você verá que talvez a vida não vá ser mesmo um conto de fadas. E verá também que talvez você não seja mesmo a Cinderela. Você vai ter que enfrentar momentos muito difíceis. Muitos. De todas as formas e em diversos lugares, com muitas pessoas. Mas talvez o mais difícil que você irá enfrentar ao longo de muitos anos será um grande mal que muitas meninas sonhadoras como você enfrentam: a depressão! Essa doença pode te ensinar muito, se você estiver atenta a si mesma, de olhos, ouvidos e peito bem aberto para aceitar o que vem e agradecer. São inúmeros os aprendizados!

A depressão te ensina que é preciso respirar, a fim de fazer chegar oxigênio as suas células. Mas a respiração pede pausa, pede calma do corpo e da alma, pede um “sentir” do tempo, do espaço, do som, da (falta de) luz. Você precisará parar, simplesmente, este seu “querer saber” sobre tudo o que virá, ter o controle. Apenas reaprenda a respirar e esperar.

Ela também te faz entender sobre “o todo e a parte”. Quando você expuser sua ansiedade, 155

medo e insegurança, alguém sábio vai te dizer: “Isso não é toda a sua vida, é só parte dela”. Entoe esse mantra e compartilhe-o com os seus.

Ela contribui para o despertar da compreensão da amplitude da vida. Habitue-se a olhar para o céu e a voar, mesmo sem asas. Tudo bem em esperar ser abduzida. Mas quando precisar de coragem para ir para longe da estranheza de ser você, tão sempre fora de lugar, não tenha. Perceba que o espaço que você ocupa é seu também e cabem nele o azul do céu, os pássaros, o vento, as nuvens, o verde das folhas das árvores em movimento, o barulho dos carros passando, enfim, basta fechar seus olhos e respirar. Deite na grama, pés descalços e abrace e converse com uma planta ou árvore. Sempre respondem com afeto e generosidade.

A depressão traz a percepção de outras formas para seu corpo pleno que pulsará ao ver o que ama, se expandirá imaginando, explodirá em gozo quando for tocado. Um corpo que chora, que ri, que afeta, que cabe exatamente na alma que habita e, principalmente, que se gosta e se aceita como é.

Ela vai proporcionar o encontro de sentido em meio ao caos pelo entendimento da função da dor na sua vida, do medo como ameaça real, da tristeza como insatisfação com o mundo, da culpa como falha consigo mesma e com o Outro e da “evitação” experiencial como tática que vai te dificultar a interação. Em processo, aceite as emoções que te mobilizam, se comprometa e, respire.

A depressão vai contribuir para manter a sua essência, apesar do diagnóstico. Portanto, continue a ver rostos por onde olha, a conversar com a espiritualidade e com as presenças misteriosas que te rondam, a escutar sua intuição, a sonhar sonhos de aviso e de significados, a orar pelo Sagrado que está em você, a sentir *Yeshua* protetor ao seu lado o tempo todo, a presenciar aparições, magias e milagres, a olhar para o mundo com esperança, a encantar-se e reencantar-se na crença do poder do amor e da humanidade.

E finalmente, ela vai te dar coragem para prosseguir nos desafios. No seu caminho, menininha, você encontrará os melhores companheiros. Ainda resistirão os medos, muitos, a insegurança, a sensação de incapacidade, inadequação e inferioridade. Entretanto, a vontade de seguir, reconhecendo merecimento e privilégio em cada luta travada, te retroalimentará e te colocará em “lugares” de estranhamentos, atravessamentos, fricções, transgressões e desconstruções. Tenha sempre o que dizer, o que compartilhar e a quem honrar e reverenciar. Lembra das suas brincadeiras de escolinha, quando você sempre era a diretora ou a professora de teatro? Você já gostava de compartilhar histórias!

Desde aquela época, você compreendia como a potência das narrativas se “presentifica” como resistência aos movimentos que subalternizam, diminuem e enfraquecem o ser. Assim, quando oportuno, ouça aqueles que não falam e a quem nunca se escuta. Aqueles que não têm o discurso oficial e não tem seu nome como referência. Aquela que lava a roupa no tanque, que dá de mamar no peito, que apanha do marido e que corre atrás de sustento. Ouça aqueles que vivem debaixo da ponte, que pedem por caridade, que contam histórias. Ouça os que não têm preferência na matrícula ou na fila. Deixe-os falarem, escute. São estas as histórias que verdadeiramente importam, pois tratam do “sentir” de pessoas que pertencem à vida, Vida, VIDA. Deveria haver uma letra além da maiúscula para uma palavra tão linda!

É, Lulu, aprenda que é sempre melhor jogar com a verdade e, quando a depressão vier, que ela seja a sua verdade. Que você possa dormir sem Rivotril, mas com chá de Mulungu; que o Ocitalopram tente te acalmar, já que não é de ferro e, se a questão são as alterações químicas nos neurotransmissores, a falta da serotonina, noradrenalina ou dopamina, reconheça, humildemente, a necessidade de ajuda. Tenha sempre o exemplo da régua da vida e nunca se compare ao dez. Seja cinco, seis, com a maior satisfação de estar viva. E, principalmente, saiba que para atravessar, basta amor e nunca chicote. Açoite não vai funcionar contigo, menina, justamente, porque você é da esfera do Sensível, da gratidão pela Vida, da liberdade poética, do encantamento.

Mas não se iluda, criança! Reafirmo que para ti nada será fácil. Você encontrará pessoas e espaços que sinalizam possibilidades, que te seduzem com discursos decoloniais, que te comovem quando afirmam que você pode ser e escrever o que o seu coração diz, mas não é verdade. E encontrará pessoas amorosas e verdadeiras, como também pessoas horríveis que, constantemente, tentarão te manipular para que você seja o que elas esperam! Saiba que sempre há tempo de abrir os olhos! Ao mesmo tempo, é possível que as dores e as tristezas te tragam inspiração! Muitas vezes você terá vontade de desistir de seus projetos e sonhos, numa desanimação e saudade de um tempo que você nem sabe qual. E terá que ter paciência para seguir convivendo com a diversidade das pessoas, de religiões, times e correntes políticas distintas que, muitas vezes, não estarão pelo bem coletivo, pelo bem comum. O mundo vai virar uma chatice sem fim, tamanho “umbiliguismo”, egoísmo e desamor. Em horas aflitas, o melhor é tentar distrair-se, tentar buscar certa leveza. Assista séries, desenhos, ou não assista nada. Viva o ócio.

Não perca a oportunidade de refletir sobre assuntos que te importam. Pense, por exemplo, na mulher preta que lê sobre racismo na rede social: “ao indivíduo negro é imposto um modelo de identidade branca [...] o racismo atinge o psicológico da pessoa preta de forma violenta, molda personalidade e comportamento, nos reduz a uma casca, a uma sombra do branco”. Coloque-se no lugar dela. Então, pense em você, menina, que também é preta, ouvindo, desde muito cedo que não está adequada aos padrões aceitos e validados. Então você cresce tentando ser e parecer com o branco. Nega sua negritude e adquire um padrão auto exigente para “provar” a si mesma que pode ser tão boa quanto os de pele clara com quem convive. Mas você nunca será branca e, diante da constatação, processualmente, vai perdendo a autoestima e vivenciando sentimentos de inferioridade, de insegurança, de autodesvalorização, de submissão.

Nessa ótica, seu pretenso “objeto amoroso” poderá vir a ser, inevitavelmente, um parceiro branco, na busca insana pela aproximação através da “intimidade afetivo-sexual” com a

branquitude. E a ele, provavelmente, você permitirá o direito aos abusos e agressões de toda ordem, incapacitada de reagir pela “percepção” histórica, e socialmente legitimada, de que é “menor” e “pior” que seu algoz e, portanto, merecedora. Muito triste e adoecedor, não é mesmo?

Então, Lulu, caso aconteça contigo, busque questionar sobre suas escolhas quanto a permanecer no “cativeiro” ou a ser “pássaro livre”. Pergunte a si mesmo como agir diferente. E quando escutar alguma outra menina preta dizer que “a conscientização é um processo, não é uma exigência. É um caminho de muitas perguntas, e não um caminho moral, mas de responsabilidade política. É o reconhecimento de algo: o que é que eu faço com o que sei, agora que sei”, sempre reflita. Será algo importante para seu processo de crescimento, mesmo que demore um pouco mais. Afinal, querida, o que é o tempo senão um espasmo, um soluço, uma fenda imaginária longe da nossa compreensão?

E, menina, sempre que precisar, faça poemas sobre si. Eles te ajudam muito a compreender o sentido de tudo e são como a água morna que te cai no corpo e te acolhe no banho, ou a brisa leve que te roça o rosto e sussurra em seu ouvido o silêncio do ser só. Escreva-te. Tenha certeza que a melhor pessoa para estar contigo é você mesma.

Lembra de quando, já aos cinco anos, alfabetizada, ficava isolada na biblioteca da casa grande lendo sobre mitologia greco-romana? Lembra do seu fascínio ao já compreender que os deuses e deusas eram os mesmos, embora tivessem seus nomes diferenciados nas duas versões, e que eram eles que te faziam companhia? Desde aquele tempo você sonhava muito. Foi nessa época também que você começou a desenvolver sua sexualidade, a partir da descoberta do seu corpo, genitália exposta, tocada. Sozinha. Claro que depois deram-te nos aniversários mil livros sobre como nascem os bebês. E foi assim que você, leitora sabida, era quem falava a respeito do assunto com as coleguinhas da sua idade. Até quando chegou aquela vizinha da rua, mais velha e mais sabida...!

Lembra daquele quarto de fundos que durante muitos anos na infância foi seu castelo? Lembra do medo que você tinha de ser despejada ou expulsa dele quando via sua mãe se rebelar diante de maldades as quais era submetida? Ainda tão pequena você tinha medo de perder o seu teto e oscilava entre torcer pela reação da sua mãe-herói ou pela “quietitude” dela. E você aprendeu que era melhor aceitar, adaptar-se. Será importante que, no futuro, Lulu, você compreenda e acolha a sua mãe, por tudo o que ela pôde e soube fazer por ti. Quem sabe você possa reconstruir a história e a memória das mulheres ancestrais da sua família? Você verá o quanto é forte através da força e resiliência delas.

É, menina, será importante ter memória, pois lembrar é ressignificar. Mas não se recorde somente do que não te fez feliz. Lembra do campeonato feminino de handball da quinta série no Colégio Frei Orlando? Lembra de como foram divididos os times? Você, menina, nunca poderia mesmo fazer parte do time das “loiras” da escola. Seus óculos “fundo de garrafa”, suas longas pernas finas, suas costas arqueadas para esconder os seios, sua negritude, sua timidez e sua inteligência te catapultavam para o grupo das “nerds” que, pelo achismo da maioria, nunca poderiam ganhar uma partida sequer. Mas acontece que, por ironia ou presente do destino, o time desacreditado chegou a final e venceu o campeonato, mesmo que as loiras comentassem, aos quatro cantos da escola, como havia sido possível que as “feias” fossem vitoriosas. Parece uma história boba, mas naquele ano, vocês passaram a caminhar “bonitas” e de cabeça erguida na escola, pela força e resistência que demonstraram em quadra e, certamente, que demonstram na vida. Depois deste fato, a menina Lu corajosa, apresentou seu genuíno projeto na aula da disciplina Moral e Cívica, que se intitulava “Como seria se fosse”, no qual narrava os vários contextos culturais em que as pessoas seriam negras e não brancas. Com a sua direção, lembra do quanto foi criativa a apresentação da Xuxa preta e de outros personagens pretos representados pelos seus colegas? Um sucesso, apesar das críticas das meninas que se sentiram excluídas por serem brancas. Hein?

Saiba, Lulu, que estes fragmentos de histórias podem ser importantes para você quando decidir se conhecer melhor. Repare no quanto eles podem ser educativos, considerando que são narrativas de representação da vida e de recriação da memória pelo ato de narrar a alguém com o compromisso da escuta sensível. Você se recorda de todas as vezes, quando criança, que precisou falar ou ser ouvida pelo adulto, na escola ou na vida cotidiana? Então, se desejar enveredar por esse caminho, pesquisar a respeito, tenha estas narrativas orais como poéticas que emergem de pessoas comuns, de suas próprias vidas e histórias, oportunize revisitá-las a partir de seus próprios “corpos perceptos-afectados”. Esses corpos memoriais que carregam em si sua própria teoria de linguagem comunicativa, orgânica e subjetiva.

Entenda que você precisará ler muito e deverá priorizar aqueles que falam com paixão e pela experiência. Vou te sugerir seres mágicos, menina, tal como Walter Benjamin que define a narrativa como “forma artesanal de comunicação [...] que mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Enxergue poesia nessa fala, compreendendo a tal coisa como o “cognoscere” de cada um, compartilhado com o outro, tornado “interconhecimento”. E sim, dê a devida importância a esse “outro”, a audiência da narrativa performada, comunicada, que também se transforma quando escuta, quando partilha.

Persista no que acredita, mesmo quando estiver em meio ao academicismo que poderá, de algum modo, reforçar seu sentimento de inadequação pela exigência maior da razão que a emoção; pela imposição de padrões de escrita, de leitura, de pesquisa. Quanto a isso, não se preocupe, o universo vai te favorecer colocando em seu caminho alguém generoso o bastante para te orientar. Mas, talvez, você tenha que convencê-lo da importância de tratar daquelas narrativas como memórias de experiências, num campo fértil, inventivo e humanizado que te permitirá produzir uma identidade pessoal, de ligação dos seus eus que existiram desde sua concepção até o momento presente.

Ah! É provável que você tenha muita dificuldade em ter uma base de sustentação, um núcleo comum, um porto seguro, tanto na vida cotidiana, quanto na vida acadêmica. Considerando a sua história de vida, você terá que lutar contra a insegurança em todos os espaços nos quais você se atrever a ocupar. Desaprenda muito, reveja sentidos e significados fixos e engessados. Flexibilize-se. Não seja tão ingênua. Grite também. Defenda-se. Aceite as suas loucuras, as suas dores, mas te perceba, também, forte. Estenda esta potência também para o campo acadêmico, pois será necessário. Se resolver virar pesquisadora, você terá que perder o medo de falar em público, se pronunciar, defender as suas ideias. Mande à merda. Seja ácida, na mesma medida que é doce. Se for da tua vontade, divulgue mesmo, como prática educativa potente, este movimento narrativo retrospectivo temporal, de retomada das histórias do passado, considerando o momento presente, de forma a construir entendimentos sobre as experiências vividas e o prospectivo, de reviver as experiências no presente, agora ressignificadas. Crie vínculos, no amadurecimento do emergir destas intervenções performato-narrativas ou narrativo-performativas no seu campo de atuação que, desconfio, será a Educação. Lá, crie seus próprios conceitos, mesmo aqueles paridos intuitivamente.

Pense, Lulu, em virar uma pesquisadora da memória para o entendimento do seu caminho teórico-metodológico. Memória está relacionada a ancestralidade, a experiências ancestrais compartilhadas, a des-cobrimentos: uma pesquisa narrativa descobrindo identidades, sobre o que já fomos, o que somos e o que estamos nos tornando. Essa perspectiva pessoal-temporal é formativa, na medida em que se dão tais descobrimentos em coletividade. Quando se conta a história de si, automaticamente, se conta a história de outros. Somos todos protagonistas, coadjuvantes, habitantes de um mesmo ecossistema. Talvez seja exatamente disto que você precise: de celebrar suas ancestrais, seu passado, como fonte geradora de saberes para sua existência terrena no presente. Talvez assim você consiga quebrar esta trava que te impede de falar dos episódios de racismos cotidianos que te

feriram tanto. Falar deles é difícil porque, tal qual a mulher que apanha e se culpa, você também se culpa por sentir-se, assim, tão inadequada e tão não pertencente ao mundo.

De fato, certas histórias vão te acompanhar para a vida, menina. E como elas pesam. No futuro, psicólogos e terapeutas talvez recomendem que esqueça o passado e cresça, seja uma mulher adulta em franca superação. Mas que tal se, como provável educadora que será, você ampliasse o seu pensar para a compreensão de uma prática artística que te aproximasse das crianças em franca parecença contigo, para investigar e ouvir delas as respostas para uma série de questões: Como é ser uma criança preta na escola? Como pensar numa prática artístico-educativa a partir das narrativas dessas crianças? O que elas teriam para contar? Por quê contar histórias vividas através de performances narrativas? Em que medida essas performances narrativas tornam-se espaços de consciência ou de resistência? E tantas outras questões, Lulu, faça delas um devir pessoal potente. Uma pesquisa para ir de encontro a este ambiente mantenedor de mecanismos de opressão que é a Escola. Dialogue, afetivamente, com autoras pretas, principalmente, buscando estabelecer relações de identificação das narrativas pessoais como prática situada. São autoras que travam suas lutas contra os racismos institucionais e cotidianos. Não deixe de expor as suas tentativas de branqueamento como estratégia de sobrevivência. Investigue as narrativas que se contrapõem ao corpo “dócil”, “submetido”, “subalternizado” e as formas de ação da branquitude crítica e acrítica.

Em seu caminho, menina, uma autora te provocará afetos, identificações, reverberações, “tapas” de chamamento para a não “glorificação da história colonial”. Ela contará sobre as dificuldades pelas quais passou em espaços onde a tratavam como se ela estivesse “fora de lugar”. Compartilhará sua trajetória de enfrentamentos, de resistência ao “processo político ativo de desumanização” que a tornava a “outra”, escravizada, subalternizada, à margem. Falará com propriedade da fome coletiva do povo negro de “ganhar a voz”, ter a escuta, “escrever como ato político em oposição absoluta ao que o projeto colonial

determinou” para que “os sujeitos tenham o direito de definir suas próprias realidades, identidades e histórias”. Seu nome é Grada Kilomba e, certamente, as narrativas dela te transformarão.

E, claro, Lulu, saiba que, decidindo por este caminho como pesquisadora, deverá esclarecer o que quer dizer com as terminologias que emprega. Optando pelas narrativas, se encontrará no campo da performance a partir do exame da vida cotidiana. Richard Schechner poderá te amparar a partir da definição de performance como prática provisória, processual, lúdica, na qual gênero, raça e identidade pessoal são potências a serem alçadas. Nesse sentido, valerá a pena inspirar-se, também, em Gilberto Icle que, poeticamente, reforça que “Performance e Educação se fazem no corpo, com o corpo e para o corpo, com o olhar do outro, em corpo compartilhado, partilhado na ação de fazer e olhar, interagir e reagir”. E, claro, você terá toda a sorte de diálogos com Pneaus, Zunthors, Candinins, Santos, enfim, uma infinidade de gente grande e sensível.

Ainda assim, é provável que você, menina, tente sabotar a si mesma. Mesmo que pense que a narração é a experiência do encontro e, assim, por si só, pedagógica, te causará estranhamento esta lógica utilitarista que te cabe tratar como futura pesquisadora. Ora, para quem queria falar da essencialidade da partilha, da escuta e do afeto da experiência do contar, internamente, será complexa a compreensão da questão estrutural do racismo como tema e você sentirá que não vai dar conta. Solucione-se partindo do entremeio, da encruzilhada, da inércia, do inútil e deixe rolar, acontecer, fluir. Deixe as narrativas te habitarem e, depois, te desabitarem. Onde quer que se chegue ou não se chegue, a certeza será a beleza do encontro.

É, Lulu, te escrevo agora falando do seu futuro, como uma premonição dos seus caminhos. Sorte a sua ter alguém como eu para te alertar. Ou azar. Talvez fosse melhor perpassar por tudo no escuro. O mundo seria bem mais interessante se vivêssemos sob a perspectiva fluida do aceitar o que vem, como uma benção. Ser pesquisadora é uma benção, se você

considerar que poderá viver num País cujos representantes não darão o menor valor para a Educação, para a Ciência, para a Pesquisa. É assustador, não é mesmo? Então lute, mesmo que a sua vontade seja sucumbir. Volto a afirmar que sua Vida nunca foi nem será fácil para ti. Você nasceu para provar que existem outras Cinderelas, outros encantamentos. E que os desencantamentos são tão importantes quanto.

Para finalizar, querida Lu, te peço paciência, pois o que está ruim, poderá, sim, piorar. E conhecendo bem você, imagino que não será possível alienar-se disso. Falo sobre uma pandemia por um tal vírus chamado de Covid-19. Você terá que ser forte para compreender que não se trata da cura do corpo físico, mas da cura interior através da caridade e da humildade no entendimento de que somos seres planetários e precisamos, sim, uns dos outros. Será um momento de reflexão e de transformação íntima, profunda. A doença será terrível e provocará desencarnes coletivos súbitos. E mesmo que apareçam vacinas para combatê-la, elas só funcionarão se o corpo estiver preparado para recebê-las, em vibração de amor e fé. Você, menina, não terá dificuldade em não interagir com as pessoas, mas sentirá na pele a dor de quem precisa, vitalmente, dessa interação para sobreviver. Perceberá o quanto sofrem aqueles que são obrigados ao isolamento. Então, sentirá compaixão diante da situação ao se colocar no lugar deles. A experiência vai te trazer, sobretudo, aprendizados. Estará, também, aflita por respostas e condicionada a se relacionar virtualmente para não se infectar, nem infectar o outro. Terá que lidar com a sua falta de habilidades com as novas tecnologias e com a impaciência de conviver com pessoas que vão negar a relevância, a gravidade e a necessidade de responsabilidade social diante da crise mundial.

Diante desse quadro, a sua vida será transformada, assim como tudo o que se propuser a fazer neste momento. Não há como ser diferente. Evidentemente, o Universo ainda vai te presentear com algumas surpresas, positivas e negativas. Não quero assustar-te, criança, mas será tudo para o seu crescimento. Aprenda a enxergar tudo como benção, até mesmo

aqueles momentos mais dolorosos. Perceberá o quanto você é privilegiada por ter saúde, que é o que mais vai importar quando tudo acontecer. Seu corpo será como uma fortaleza e, por maiores que sejam as somatizações, ele evidenciará, em poeticidade própria, sua forma de estar no mundo.

Beijos,

**Luciana aos 47.**

P.S.:

Não ando bem para dar conselhos a você, pequena Lu. Aliás, ando bem mal, bem ácida, bem desesperançosa.

Esta coisa de 94 mortes por dia; 288 pessoas a espera de um leito de UTI; de mortes, mortes e mortes por falta de oxigênio, de remédio, de assistência médica; de crianças, adultos e velhos morrendo, mulheres e homens, pessoas; de terceira, quarta e quinta onda, tsunamis; de cepas de Manaus, do Rio, de Áfricas, da Europa, de Marte; de vacinas dadas, não dadas, fraudadas e em falta; da politização da doença, das políticas doentes, dos políticos dementes;

De brigas familiares; pai e filho rompendo, mesmo depois de vivenciarem a experiência de terem COVID e se recuperarem; mãe como meio e fim;

Da memória que não lembra de nada que lê;

De remédios que não funcionam, do choro que vem, da dor e do peso que carrega o ombro, deslocado, endurecido, travado;

Da improdutividade;

Da inércia;

Do cansaço do corpo, sem energia, sem dia, sem libido, sem luz, insone, em transe;

Do res-piro, oxi-gênio; inspira e expira, puxa pelo nariz, enche o peito, solta pela boca, rôta;

Do sentimento de menos-valia quando vejo que a maioria das pessoas segue a vida, mesmo em pandemia, no caos social, na depressão, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença;

Do brilho do outro, que invejo, que não alcanço, que não pareço, que não aguento só;

Do que espero, do que esperam de mim, da comparação, da espera minha por ir, nem que seja por um segundo, longe, num sopro, numa nave;

Da falta da poesia certa, da poética exata, da escrita romantizada, da emoção prevista, lida, computada, pensada, preparada, ensacada, delimitada, profanada, inapropriada;

Da obrigatoriedade de rescrever uma carta que nasceu com um objetivo e o perdeu no meio do caminho, pelo menos, para mim, já que era para falar do que se vivia naquele momento da disciplina, sem regra de fala, sem regra de escrita, sem padronizações, sem razão, sem nada;

Apenas fruição; Deleite;

**Estou exausta.**

Se houvesse uma escola de Ensino Fundamental aberta agora, eu ia correndo para junto dos meus lá, das crianças, dos bichos.

# AUTORES E AUTORAS

**Graça Veloso**

**Ada Luana Rodrigues de Almeida**

**Adailson Costa dos Santos**

**Adriana Ferreira Coelho Lodi**

**Barbara Duarte Benatti**

**Belister Rocha Paulino**

**Danilo Henrique Faria Mota**

**Débora Cristina Sales da Cruz Vieira**

**Gabriel Coelho Mendonça**

**kleber damaso bueno**

**Liubliana Silva Moreira Siqueira**

**Luciana Maria Rodrigues Gresta**

**Maria Oliveira Villar de Queiroz**



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



6 9786588507124

CDL